

Necessidades atuais de bibliotecários no Brasil

MURILO BASTOS DA CUNHA

Presidente
Conselho Federal de Biblioteconomia
Brasília, DF

Em 1973, havia 3 990 bibliotecários exercendo a profissão no País, dos quais 2 130 concentravam-se nos Estados da Guanabara e São Paulo. Adotando a relação de 1 bibliotecário para 4 000 habitantes, verifica-se um deficit de 19 022 profissionais, o qual se manifesta, de forma mais evidente, e em ordem decrescente nos seguintes Estados, que correspondem a mais da metade do deficit total: São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul. Adotando-se a mesma relação (1/4 000), mas levando em conta apenas a população alfabetizada, verifica-se um deficit de 8 029 bibliotecários. Há necessidade de mais e melhores bibliotecários, preparados para enfrentar a realidade brasileira com suas diferenças regionais e suas variadas oportunidades profissionais.

Introdução

Como todo país em via de desenvolvimento econômico, o Brasil enfrenta problemas de recursos humanos capacitados, isto é, a carência de todos os tipos de profissionais, sejam eles de formação de nível médio, superior ou de pós-graduação. Também a Biblioteconomia brasileira carece de mais e melhores profissionais para atenderem, entre outros, aos seguintes tópicos primordiais:

1) a presença e atendimento de estudantes e salas de leitura em regiões pioneiras, como é o caso da Transamazônica, através de operação a ser levada a cabo pelo Instituto Nacional do Livro;

- 2) a criação e manutenção, tão necessárias, de bibliotecas públicas eficientes pelo interior brasileiro;
- 3) a tarefa de levar o mínimo de leitura às comunidades isoladas, do que são exemplos as caixas-estante e os carros-biblioteca;
- 4) a implantação de sistemas regionais de bibliotecas a partir das bibliotecas públicas estaduais e territoriais, funcionando como pontos de irradiação de recursos e técnicas bibliográficas de cada unidade da Federação;
- 5) o rápido crescimento do ensino superior, que de 681 000 matriculados, em 1972, atingiu cerca de 800 000, em 1973;
- 6) aumento progressivo, devido à ênfase nos programas de industrialização, do surgimento de bibliotecas especializadas em empresas;
- 7) a implantação do Sistema Nacional da Informação Científica e Tecnológica (SNICT), pois com bibliotecários em número suficiente, trabalhando com modernos sistemas de recuperação, interligados por uma rede sistemática e permanente de informações atualizadas, será mais fácil o desenvolvimento dos vários subsistemas previstos;
- 8) a nova oportunidade dada pela Lei nº 5.692, de 8 de agosto de 1971, que amplia as atividades de docência não apenas a nível universitário, mas também em cursos profissionalizantes do 2º grau.

Por isso achamos que Roger Bastide foi muito feliz ao dizer que o Brasil é um “país de contrastes”, pois, ao mesmo tempo que necessitamos preparar, rapidamente, recursos humanos para atender às esquecidas bibliotecas interioranas, temos que formar um bibliotecário mais sofisticado para os grandes centros, que utiliza recursos automatizados para a recuperação mais rápida da informação.

Alguns padrões estrangeiros

Ao tentarmos determinar quantos bibliotecários são necessários no momento, primeiramente necessitamos lançar mão de uma ferramenta metodológica, como, por exemplo, os padrões mínimos de serviços bibliotecários.

Inicialmente, temos que conhecer os critérios mais utilizados em outros países. Verificamos que grande parte dos estudos sobre padrões de serviços bibliotecários utilizam o percentual obtido pela divisão da população pelo número de bibliotecários. Outros utilizam o percentual bibliotecário/número de volumes emprestados durante um determinado período, como, por exemplo, 1 bibliotecário para

cada 20 000 empréstimos. Na República Federal da Alemanha, os padrões mínimos para o pessoal bibliotecário incluem o empréstimo anual como um dos fatores que determinam o número ótimo de profissionais.

Do levantamento elaborado por Withers (10) anotamos os seguintes dados:

País	Data	Bibliotecários necessários
Austrália	1959	1/20 000 Livros circulados anualmente, sendo que a maior densidade populacional aumentará a proporção
Bélgica	1968	1/800 leitores registrados ou 1/3 200 habitantes
Dinamarca	1967	1/2 000 habitantes servidos
República Federal da Alemanha	1964/69	Baseia-se na circulação e aquisição do material bibliográfico: 1/30 000 empréstimos anuais ou 1/7 500 aquisições 2 auxiliares para cada bibliotecário
Nova Zelândia	1966	1/2 000 habitantes servidos
África do Sul	1966	1/2 500 habitantes alfabetizados ou 1/15 000 a 25 000 empréstimos anuais em comunidades de 10 000/250 000 habitantes
Suécia	1960 1969	1/20 000 empréstimos anuais 1/14 500 empréstimos anuais
Inglaterra	1962	1/2 500 habitantes servidos
Estados Unidos	1966	1/2 000 habitantes atendidos

Como podemos notar, a menor relação (1/2 000) é adotada nos Estados Unidos, Dinamarca e Nova Zelândia. A intermediária (1/2 500), na Inglaterra e África do Sul, e a mais elevada (1/3 200), na Bélgica. Cada padrão leva em consideração uma série de fatores, entre os quais o nível econômico nacional, nível cultural, população em idade escolar, etc. Evidentemente, não serão os padrões adequados à realidade brasileira.

Sugestões para um padrão brasileiro

Há muito tempo que a Biblioteconomia nacional sente a necessidade de definir as medidas qualitativas e quantitativas para avaliar a efi

ciência e adequação dos serviços bibliotecários às exigências do meio institucional servido. Já no 1º Encontro dos Responsáveis pela Execução do Programa de Bibliotecas no Brasil, realizado em Brasília, em abril de 1973, notamos que a maioria dos presentes sentiu realmente que “o bibliotecário é um agente social por excelência mas que na realidade nacional, contudo, não está agindo como tal [...]” (4).

Grande parte da bibliografia brasileira de Biblioteconomia e Documentação é composta de trabalhos referentes a áreas técnicas, com ênfase especial na Classificação e Catalogação. A partir do 5º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em 1967, na cidade de São Paulo, a Informática surgiu no cenário nacional e desde então tem arrebanhado inúmeros adeptos.

Assim, infelizmente, pouco ou quase nada se tem feito no estudo da problemática bibliotecária como um todo, ou sistema, numa ação introspectiva, quase filosófica. Inexplicavelmente, “diferente de seus colegas de outros campos de atividade social, o bibliotecário é estranhamente desinteressado dos aspectos teóricos de sua profissão. [...] O bibliotecário aparentemente permanece isolado na simplicidade de seu pragmatismo: uma racionalização de cada processo técnico imediato, tornado isoladamente, parece satisfazer seu interesse intelectual. Na verdade, qualquer esforço para generalizar tais racionalizações na tentativa de compor uma filosofia profissional parece-lhe não apenas inútil mas definitivamente perigoso” (2).

Raros são os trabalhos sobre Biblioteconomia em que o autor se preocupa com as implicações sociais da profissão e suas interfaces com o atual ritmo de desenvolvimento econômico que o país atravessa. Contribuições nos foram legadas recentemente por Laura Russo, com o levantamento intitulado “Os processos técnicos e seus padrões” (9), com enfoque, quase que exclusivamente, no tocante a custos de processos técnicos dentro de uma biblioteca, e com “Bibliotecas públicas municipais do Estado de São Paulo” (10), relatório exaustivo sobre a triste e real situação daquelas bibliotecas.

Como notamos, há uma carência urgente e inadiável de que os profissionais e suas entidades contribuam para um conhecimento mais profundo do profissional bibliotecário. E um dos pontos mais prementes de solução é o relacionamento com os padrões mínimos de serviços bibliotecários, como, por exemplo: a) relação entre volumes/habitantes, isto é, qual a quantidade mínima de livros dentro de uma biblioteca; b) localização de bibliotecas públicas, identificação dos parâmetros a serem seguidos no tocante à escolha de local adequado; c) área necessária para um funcionamento eficiente dos

diversos serviços; d) tipo e quantidade de recursos humanos para um atendimento mais qualificado, etc. Como vemos, são assuntos que demandarão exaustivos estudos, tendo em vista a complexidade dos mesmos e também as disparidades entre as várias regiões brasileiras.

Tentaremos sugerir apenas um padrão para a relação bibliotecário/população, apesar de o enfoque dado não ser o ideal. A relação mais objetiva seria a obtida com a inclusão do número de empréstimos bibliográficos dentro de uma determinada comunidade ou região, como se faz na República Federal da Alemanha. Entretanto, como sabemos, não existe um trabalho de levantamento sistemático e contínuo de estatísticas bibliográficas, seja no âmbito estadual, seja no federal, privando-nos de um importante subsídio.

No modelo proposto, achamos que a relação de um bibliotecário para 4 000 habitantes seria bastante viável para o nosso país, tendo em vista que nos Estados Unidos é de 1/2 000, na Inglaterra de 1/2 500 e na Bélgica de 1/3 200. A relação sugerida (1/4 000) tenta levar em conta as peculiaridades econômicas e sociais que o Brasil atravessa no momento. É claro que se os índices anuais de crescimento econômico e de escolarização se mantiverem nas taxas atuais, a relação 1/4 000 irá diminuindo gradativamente.

Pelo Quadro 1 (relação população/bibliotecários) podemos ter idéia de como estão distribuídos os 3 990 bibliotecários brasileiros e qual o deficit de profissionais nos diversos Estados. Como se pode notar, o deficit de bibliotecários é enorme, cerca de 19 022 profissionais, sendo que mais da metade distribui-se pelos seguintes Estados:

São Paulo	— 3 445
Minas Gerais	— 2 701
Bahia	— 1 636
Paraná	— 1 604
Rio Grande do Sul	— 1 360
Total	—10 746

QUADRO 1

RELAÇÃO POPULAÇÃO BIBLIOTECÁRIOS (RELAÇÃO: 1/4 000 HABITANTES)

Estado	CRB	População (1)	Bibliotecários (2)	Nº Ideal	Deficit/Supervavit
Distrito Federal	1	546 015	170	136	+ 34
Goiás	1	2 997 570	2	749	— 747
Mato Grosso	1	1 623 618	3	405	— 402
Territ. Rondônia	1	116 620	1	29	— 28
Acre	1	218 006	—	54	— 54
Pará	2	2 197 072	129	549	— 420
Amazonas	2	960 934	58	240	— 182
Amapá	2	116 480	—	29	— 29
Roraima	2	41 638	—	10	— 10
Piauí	3	1 734 865	2	433	— 431
Maranhão	3	3 037 135	30	756	— 726
Ceará	3	4 491 590	84	1 122	— 1 038
Rio Gr. do Norte	4	1 611 606	5	402	— 397
Paraíba	4	2 445 419	21	611	— 590
Fern. Noronha	4	1 311	—	—	—
Pernambuco	4	5 252 590	235	1 313	— 1 078
Alagoas	5	1 606 174	2	401	— 399
Sergipe	5	911 251	4	227	— 223
Bahia	5	7 583 140	259	1 895	— 1 636
Minas Gerais	6	11 645 095	210	2 911	— 2 701
Espírito Santo	7	1 617 857	6	404	— 398
Rio de Janeiro	7	4 794 578	144	1 198	— 1 054
Guanabara	7	4 315 746	1 106	1 078	+ 28
São Paulo	8	17 958 693	1 044	4 489	— 3 445
Paraná	9	6 997 682	145	1 794	— 1 604
Santa Catarina	9	2 930 411	3	73	— 70
Rio Gr. do Sul	10	6 755 458	328	1 688	— 1 360
TOTAL		94 508 554	3 990	22 951	— 19 022

Fontes: (1) Anuário estatístico do Brasil, 1972. (2) Dados do Conselho Federal de Biblioteconomia, Julho, 1973. Bibliotecários Registrados.

Apesar do deficit quase generalizado, existem, estatisticamente, dois supervavits, o Distrito Federal com 34 e a Guanabara com 28 bibliotecários. Entretanto, na prática, não ocorre tal excesso pois o Distrito Federal possui inúmeras bibliotecas cujos quadros não estão completos; por outro lado, suas cidades satélites, algumas com mais de 100 000 habitantes, não possuem sequer uma biblioteca pública!

Já na Guanabara o fenômeno é mais complexo, visto que a ex-capital federal tem uma intensa vida cultural e educacional, necessitando, portanto, de maior número de bibliotecários.

A distribuição geográfica dos profissionais não é proporcional, pois diversas unidades da Federação, como o Acre, Amapá e Roraima não contam com nenhum bibliotecário. A situação também é caótica em Estados como Goiás, que possui somente dois bibliotecários, mesmo assim ambos radicados em Goiânia, uma capital com duas universidades e 326 864 habitantes (6). E os outros 220 municípios goianos, perguntamos, quando poderão contar com um profissional da Biblioteconomia?

Alguns poderão contrapor-nos, dizendo que Goiás é, ainda, um Estado de economia essencialmente agrícola, com municípios carentes de recursos. Então, o que dizer de Santa Catarina, com seu parque industrial florescente e cidades economicamente ativas como Blumenau, Joinville e Florianópolis, que possui somente três bibliotecários? Como vemos, há muita coisa a ser feita em prol das bibliotecas brasileiras.

Mas, nem mesmo o Estado de São Paulo está bem em termos de bibliotecários. Um levantamento feito em abril de 1973, pelo Conselho Regional de Biblioteconomia (8º Região), constatou que somente nas sedes de 34 dos 571 municípios paulistas trabalhavam bibliotecários. Dos 1 044 bibliotecários paulistas, 736 estão na capital e 308 no interior. Destes, 61 em Campinas e 47 em São Carlos. Algumas cidades importantes como Franca, Barretos, Bauru, Limeira e Araçatuba não possuem nenhum bibliotecário.

Entretanto, dirão alguns, a falta de profissionais não é privilégio somente de nossa profissão, pois existem centenas de municípios brasileiros que não são atendidos por médicos. Concordamos, em parte, pois num país em desenvolvimento um dos maiores problemas a sanar é a falta, e mesmo o preparo, de recursos humanos. Outros, talvez mais críticos, argumentarão que num país que em 1970 contava com 46 milhões de analfabetos (7) a necessidade de livros, bibliotecas e bibliotecários não é tão premente. Respondemos dizendo que, mesmo não atendendo a essa imensa multidão de iletrados, existe um deficit real de profissionais da ordem de 8 028 bibliotecários. Isto pode ser comprovado pelo Quadro 2 (população alfabetizada/bibliotecários necessários). Até 1974 o MOBREAL pretende alfabetizar 6 milhões de pessoas, reduzindo em pouco a grande massa de analfabetos (7).

No Quadro 2 mantivemos a mesma relação anterior, ou seja, um bibliotecário para cada 4 000 habitantes (1/4 000). Do deficit de 8 029 bibliotecários, cerca de 5 448 estão distribuídos pelos seguintes Estados:

São Paulo	—1 979
Minas Gerais.....	—914
Rio Grande do Sul	— 776
Paraná	— 755
Rio de Janeiro.....	—572
Santa Catarina	—452

QUADRO 2
POPULAÇÃO ALFABETIZADA / BIBLIOTECÁRIOS NECESSÁRIOS

	CRB	População alfabetizada	Bibliotecários existentes	Nº Ideal	Superávit/ Deficit
DF	1	337 321	170	84	+ 86
GO	1	1 318 889	2	329	— 327
MT	1	757 521	3	189	— 186
RO	1	18 471	1	4	— 3
AC	1	61 507	—	15	— 15
PA	2	1 032 496	129	258	— 129
AM	2	394 451	58	98	— 40
AP	2	53 550	—	23	— 23
RR	2	50 236	—	12	— 12
PI	3	439 899	2	109	— 107
MA	3	862 438	30	215	— 185
CE	3	1 369 494	84	342	— 258
RN	4	516 348	5	129	— 124
PB	4	761 639	21	190	— 169
PE	4	1 862 472	235	465	— 230
AL	5	436 716	2	109	— 107
SE	5	303 836	4	75	— 74
BA	5	2 620 715	259	655	— 396
MG	6	5 769 124	210	1 124	— 914
ES	7	809 415	6	202	— 196
RJ	7	2 865 225	144	716	— 572
GB	7	3 283 600	1 106	820	+ 286
SP	8	12 093 640	1 044	3 023	— 1 979
PR	9	3 602 663	145	900	— 755
SC	9	1 823 423	3	455	— 452
RS	10	4 418 347	328	1 104	— 776
TOTAL		47 863 436	3 990	11 645	— 8 029

Conclusão

Na década de 1940, dois terços dos brasileiros viviam nas áreas rurais. “Em 1970, mais da metade da nossa população residia nas vilas, cidades e metrópoles. Estimativas conservadoras indicam que, no fim do presente decênio, dois terços dos 120 milhões de brasileiros habitarão áreas urbanas. A população rural já deixou de crescer devido à migração anual de 1 300 000 pessoas do campo para as cidades. Em conseqüência, todo o nosso crescimento demográfico — cerca de 3 milhões de pessoas por ano — ocorre nas cidades. O Brasil é por conseguinte o país do mundo ocidental cuja população urbana aumenta mais rapidamente” (3).

Assim, ao lado da construção de conjuntos habitacionais, viadutos, escolas e outros empreendimentos urbanos, há necessidade também de se construir a biblioteca pública que possa atender à demanda de informação dessa crescente massa populacional, visto que a mesma está sendo marginalizada em termos de leitura, seja através da onda avassaladora da televisão, seja através do esquecimento, quase total, das autoridades para o problema biblioteca.

Não temos bibliotecários em número suficiente para atender a todas as necessidades de nossa população, “contudo, quer nos parecer que o aumento puro e simples do número de bibliotecários não significa efetivamente um fortalecimento da classe se a este aumento não corresponder um aumento qualitativo de nível de formação e, conseqüentemente, uma melhoria na prestação de serviços. Apesar dos esforços que conhecemos por parte de alguns poucos para conseguir uma real modificação na atual situação do bibliotecário brasileiro, a realidade ainda é para nós desalentadora: não existe consolidada ainda uma consciência da Biblioteconomia como profissão liberal de nível universitário e como tal desempenhando uma função específica dentro da comunidade. Muito mais que o reconhecimento externo da profissão que seguimos, falta-nos a consciência interior do que somos, para que existimos e qual o papel que desempenhamos perante a sociedade” (5).

Daí a grande responsabilidade de nossas vinte escolas de Biblioteconomia, no sentido de formar um profissional conscientizado de sua importância social e obrigações para com a comunidade a que pretende servir. Precisamos de mais e melhores bibliotecários preparados para enfrentar a realidade brasileira com suas diferenças regionais e suas variadas oportunidades profissionais. Nossas metas parecem ambiciosas e exageradamente otimistas. Mas o otimismo e a ambição deverão estar imbuídos do conhecimento da realidade e da

confiança na capacidade que o bibliotecário brasileiro vencerá as dificuldades que vierem a surgir.

Abstract

Present needs for librarians in Brazil

In 1973 there were 3,990 professional librarians in Brazil of which 2,130 were concentrated in two States: Guanabara and São Paulo. Adopting the ratio of 1 librarian per 4,000 inhabitants a shortage of 19,022 professionals was found. More than half of this number corresponds to the needs of São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Paraná and Rio Grande do Sul. Adopting the same ratio (1/4,000) but considering only the literate population (48,000,000 in a total of 95,000,000 inhabitants, in 1972) a shortage of 8,029 librarians was found. There is need of more and better qualified librarians prepared to face the Brazilian reality with its regional differences and varying professional opportunities.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Plano setorial de educação e cultura 1972/74**. Brasília, 1971, p. 71.
2. BUTLER, Pierce. **Introdução à ciência da biblioteconomia**. Rio de Janeiro, Lidador, 1971, p. ix-x.
3. COSTA, Rubens Vaz da. **Estratégia e programas de desenvolvimento urbano: a experiência brasileira**. Rio de Janeiro, Banco Nacional de Habitação, 1973. Folheto.
4. ENCONTRO dos responsáveis pela execução do programa de bibliotecas no Brasil, 1º Brasília, 19/21 de abril 1973. **Recomendações**. INL/CFB, 1973. p. 10. Também em. **Revista de Biblioteconomia de Brasília** 1 (2) : 116-120, jul./dez. 1973.
5. FARINAS, Vera Helena Pimentel. Sobre Biblioteconomia. **Revista de Biblioteconomia de Brasília** 1 (2) : 141-144, jul./dez. 1973.
6. IBGE. **Censo demográfico de Goiás**. Rio de Janeiro, 1973, p. 386.
7. IBGE. **Censo demográfico de 1970**. Rio de Janeiro, 1972.
8. RUSSO, Laura Garcia Moreno. **Bibliotecas públicas municipais do Estado de São Paulo**. São Paulo, FEBAB, 1973, p. 94.
9. _____. **Os processamentos técnicos e seus padrões**. São Paulo, FEBAB, 1972. 6 f. mimeog.
10. WITHERS, F. N. **Standards for library service**. Paris, UNESCO, 1970, p. 20-21.